



LITERATURA ENQUANTO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO NO PROCESSO DE LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Pedro Paulo Souza Rios¹
André Ricardo Lucas Vieira²
Thaynara Oliveira da Silva³

GT1 - Educação de Crianças, Jovens e Adultos.

RESUMO:

O presente estudo pretende refletir sobre os aspectos que dizem respeito aos processos de letramento literário dos/as alunos/as da Educação de Jovens e Adultos – EJA, tempo formativo 6 e 7, tendo por pressupostos teóricos a pesquisa de cunho qualitativo, a partir das narrativas (auto)biográficas em educação. Nosso objetivo foi analisar as vivências de letramento literário dos/as alunos/as da EJA numa escola pública estadual do Território de Identidade Piemonte Norte do Itapicuru. O estudo nos possibilitou entender que para além da leitura funcional, de uso cotidiano, a literatura perpassa uma dimensão humana necessária que se mantém afastada dos/as leitores/as alunos/as da EJA não apenas por questões econômicas, mas também sociais, culturais.

Palavras-chave: Literatura; Letramento; Educação de Jovens e Adultos.

ABSTRACT:

The present study intends to reflect on the aspects that relate to the literary literacy processes of the students of the Education of Young and Adults - EJA, formative time 6 and 7, having theoretical presuppositions the research of qualitative nature, from the (autobiographical) narratives in education. Our objective was to analyze the experiences of literary literacy of the students of the EJA in a state public school of the Territory of Identity Piemonte Norte do Itapicuru. The study allowed us to understand that beyond functional reading, everyday use, literature permeates a necessary human dimension that keeps itself away from the EJA students' readership not only for economic, but also social, cultural issues.

Key words: Literature; Literacy; Youth and Adult Education.

¹ Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Sergipe – UFS; Mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB; Especialização em Educação de Jovens e Adultos pela Universidade Cândido Mendes; Graduado em Pedagogia e Filosofia; Professor da Universidade do Estado da Bahia; Coordenador do Grupo de Pesquisa e Estudos em Educação, Gênero e Sexualidades do Semiárido – GENESES-Sertão; E-mail: peudesouza@yahoo.com.br

² Mestre em Educação de Jovens e Adultos pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB; Especialista em Educação de Jovens e Adultos, pela Universidade Cândido Mendes; Graduado em Matemática; Coordenador do Núcleo de Educação Matemática – NEMAT; Professor da Universidade do Estado da Bahia – UNEB; E-mail: sistlin@uol.com.br

³ Graduada em Pedagogia Pela Universidade do Estado da Bahia; Especialização em Educação e Sexualidade pela Universidade Cândido Mendes; Membro do Grupo de Pesquisa e Estudos em Educação, Gênero e Sexualidades do Semiárido – GENESES-Sertão;



LEITURA E LETRAMENTO

A contemporaneidade tem sinalizado que a leitura, e suas múltiplas possibilidades, se constitui numa das competências culturais mais valorizadas nas distintas sociedades. Atividades ligadas à leitura são sempre vistas de maneira positiva, enquanto sua ausência é sempre tida como algo negativo.

Inúmeros são os programas e as ações destinadas a erradicar o analfabetismo, com este verbo mesmo, pois não saber ler é uma praga e o analfabeto uma espécie que ninguém lamenta a extinção. De um adulto, se aceita o fato de não saber realizar com os números as quatro operações, afinal na hora do aperto há sempre uma calculadora à mão, mas não a falta da leitura.

A existência humana é atravessada pela escrita de diferentes maneiras. Com o intuito de maior compreensão desse fenômeno foi criado o conceito letramento, que designa os usos que fazemos da escrita em nossa sociedade, significando bem mais do que o saber ler e escrever. Assim, letramento em seu sentido amplo abarca as práticas sociais da escrita que envolvem a capacidade e os conhecimentos, os processos de interação e as relações de poder relativas ao uso da escrita em contextos e meios determinados (STREET, 2003).

O letramento literário faz parte da expansão do termo letramento, ou seja, integra a multiplicidade dos letramentos, se constituindo num dos usos sociais da escrita. Contudo, diferente dos outros letramentos, o letramento literário tem uma relação diferenciada com a escrita e, por consequência, é um tipo de letramento singular. Sobre isso podemos dizer que o letramento literário é diferente dos outros tipos de letramento porque a literatura ocupa um lugar único em relação à linguagem, ou seja, cabe à literatura. Além disso, o letramento feito com textos literários possibilita um modo diferenciado de inserção no universo da escrita. Ademais, o letramento literário precisa da escola para se concretizar, isto é, ele demanda um processo educativo específico que a mera prática de leitura de textos literários não consegue sozinha efetivar (COSSON, 2006).

Assim, com este estudo, pretendemos refletir sobre os aspectos que dizem respeito aos processos de letramento literário dos/as alunos/as da Educação de Jovens e Adultos – EJA. Para tal fim, optamos pela pesquisa de cunho qualitativo, tendo por pressuposto metodológico as narrativas (auto)biográficas em educação (NÓVOA, 2014).

A pesquisa teve por objetivo analisar as vivências de letramento literário dos/as alunos/as da EJA no espaço escolar e o impacto dessa prática em seus diferentes campos de



atuação. Os pressupostos teóricos foram pautados em Paulo Freire (1983), Soares (2002, 2004), Cosson (2012) e os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN's (1997).

1. A LEITURA ENQUANTO ATO SOCIAL

Ler é algo inerente à vida humana. Estamos lendo o tempo todo. Lemos cartazes, placas de trânsito, figuras, letras, imagens, corpos, gestos. Ler é um ato que antecede o ato de ir à escola. A leitura ensinada pela escola muitas vezes se restringe à decodificação das letras. De acordo com Freire, (1983),

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (p. 12).

A leitura é um procedimento interativo e para efetuar precisa da interação de diversos níveis de conhecimento. Para compreender um texto, o leitor aplica o conhecimento prévio, que é constituído por todo o saber reunido ao longo de sua vida, pois através desses conhecimentos o leitor pode fazer as inferências para atingir a coerência total, facilitando, assim a compreensão na leitura. Nesse mesmo sentido, Cosson (2012) sinaliza que,

O ato de ler, mesmo realizado individualmente, torna-se uma atividade social. O significado deixa de ser uma questão que diz respeito apenas ao leitor e ao texto para ser controlado pela sociedade. A leitura é o resultado de uma série de convenções que uma comunidade estabelece para a comunicação entre seus membros e fora dela. Aprender a ler é mais do que adquirir uma habilidade, e ser leitor vai além de possuir um hábito ou atividade regular. Aprender a ler e ser leitor são práticas sociais que medeiam e transformam as relações humanas (p. 40).

Dessa maneira, o ato de ler é um processo no qual o/a leitor/a desempenha um importante papel na construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, o autor apresenta o que sabe a língua e características do gênero; onde o portador do sistema de escritas através da prática de leitura permitirá fazer relações entre o texto que está lendo com outros que já foram lidos. A leitura é uma atividade essencial a qualquer área do conhecimento e que norteiam as transformações nas relações humanas. Permite assim, ao sujeito interagir com os outros.



De acordo com os PCN's, da Língua Portuguesa: “A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem” (BRASIL, 1997, p.51).

Assim, a leitura é uma ferramenta que dará o suporte preciso para que possa atingir a capacidade cognitiva a fim de evoluir acompanhando a transformação do mundo e principalmente hoje com a tecnologia.

Ler é muito mais que possuir um rico cabedal de estratégias e técnicas. É, sobretudo uma atividade prazerosa e quando ensina-se a ler deve-se levar isso em conta. No entanto, pode-se dizer que rever as técnicas e analisar qual a melhor maneira de levar o aluno a ingressar no mundo da leitura de maneira prazerosa, é a metodologia que deve ser seguida no processo de ensino aprendizagem. Segundo a afirmação de Smolka (1989):

A leitura é certamente uma atividade humana, reflexiva e crítica e não se resume a decifração mecânica. Esta atividade, portanto não é vista pela autora como simplesmente um comportamento de leitura, decifração, mas como uma forma de linguagem, de natureza dialógica, ou seja, através da aprendizagem da leitura, o aluno desenvolve suas habilidades de reflexão, expande seus conhecimentos e age na sociedade de uma maneira intensa e direta (SMOLKA, 1989, p.25).

A leitura é uma atividade estritamente linguística e a linguagem se monta com a fusão de significados com significados. É importante perceber que Ler é saber. O primeiro resultado da leitura é o aumento de conhecimento geral ou específico. Ler é comparar as experiências próprias com as narradas pelo escritor, comparar o próprio ponto de vista com o dele, recriando ideias e revendo conceitos. Ler é dialogar. Quando lemos, estabelecemos um diálogo com a obra, compreendendo intenções do autor. A esse respeito Freire (1991) afirma,

Não basta saber ler. É preciso compreender qual a posição em que as palavras estão colocadas. Ele chama a nossa atenção para o fato de que não basta simplesmente dominar a leitura como instrumento tecnológico. É preciso considerar as possíveis consequências políticas da inserção favorecia uma leitura crítica das relações sociais e econômicas produzida em nossa sociedade. Assim a opção põe essa temática levou em consideração que esse estudo poderá ensejar uma visão fundamentada da realidade que envolve a relação do ensinante-aprendente com as dificuldades de aprendizagem. Acreditamos que será de grande referencia a realização dessa pesquisa no sentido de poder socializar os conhecimentos apresentados com o corpo docente da escola que venham a trabalhar durante o percurso profissional (FREIRE, 1991, p.23).



Assim aprender a ler não significa somente associar letra com som, implica aprender uma forma de decodificação diferente da que é utilizado na linguagem oral. Nesta forma de decodificação é preciso: receber, reconhecer, elaborar, e interpretar símbolos. São estabelecidas uma série de associações viso auditivas, viso especiais, audiovisuais, viso motoras complexas, sucessivas e simultâneas.

Historicamente, a preocupação com a formação do/a leitor/a e os níveis de leitura no Brasil responde pelo fato de encontramos um grande número de pesquisas acerca da temática da formação de leitores na escola básica, particularmente no que se refere ao leitor infantil e juvenil. A investigação acerca do letramento na Educação de Jovens e Adultos vai surgir a partir das duas ultimas décadas. Contudo, a literatura na escolarização de jovens e adultos é ainda um campo a ser estudado.

1.1 Literatura e letramento na Educação de Jovens e Adultos

Não é nossa pretensão definir letramento enquanto conceito. Contudo, é importante ressaltar que tal conceito sinaliza uma variedade de práticas sociais no âmbito da cultura escrita nas quais os sujeitos podem se engajar (SOARES, 2004). Dessa forma, podemos dizer que há diferentes níveis de letramento numa sociedade, uma vez que o conceito se refere uma série de usos e níveis de interação no seio da cultura escrita. Assim, mesmo que não haja alfabetização, que pode ser definido o domínio do código escrito, nossa sociedade, tipicamente letrada, coloca os sujeitos em constante interação com textos em diversos formatos e diferentes suportes.

Para quem vive em sociedades como a nossa, complexa, em que tudo se organiza pela escritura e em torno dele, mesmo sem dominar o código, não há como escapar das armadilhas do texto. Todos os sujeitos são atravessados pelo sistema da escritura, o que os obriga a produzir saídas e táticas (PAIVA, 2003, p. 118).

Nesse sentido, também podemos falar em letramento matemático, literário, científico, musical. Ler é, portanto um processo de resignificação do texto e, como Freire em *A importância do ato de ler*, algo que começa antes do texto, e vai além dele,

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquela. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (1999, p. 11).



A EJA enquanto modalidade de ensino não possui uma formação específica e, em muitos casos não foi uma opção por parte dos/as profissionais para atuarem em EJA, e o fazem por não tirem escolha, ou seja, assumiram por não ter alternativa.

Arroyo (2002) sinalizam que o problemas da EJA não consiste mais em trazer o/a aluno/a à escola, mas em como fazer para que ele/a permaneça. Salientam ainda que o/a educador/a tem a responsabilidade direta na luta pela permanência do/a aluno/a, sendo necessário um compromisso com a qualidade do ensino. Nesse sentido, entendemos que o/a profissional de Língua Portuguesa, tem responsabilidade ímpar no desenvolvimento da leitura e do letramento dos alunos que tardiamente chegam ou retornam à escola.

Nos distintos períodos históricos, a linguagem se configura enquanto mecanismo importante de comunicação e de inserção prática nas atividades humanas. Em relação ao/a estudante jovem e adulto não podemos perder de vista que ao chegar à escola ele/a já tem o domínio da linguagem, pois a aplica desde a mais tenra idade. Contudo, esta linguagem necessita ser melhor organizada e elaborada para atender às distintas necessidades.

Segundo os PCN's do Ensino Fundamental (BRASIL, 1997), no que se refere ao ensino de língua portuguesa, ressaltam que essencial que se privilegiem os diferentes gêneros textuais. Sobre isso Arroyo (2002), ressalta a importância de se utilizar diferentes textos literários que levem em consideração os contextos sociais, culturais e econômicos dos sujeitos da EJA, uma vez que os tal metodologia tende a possibilitar maior interesse de jovens e adultos. Na leitura do texto literário, o/a leitor/a expande as fronteiras do conhecido, absorvendo-o através da imaginação e decifrando-o por meio do intelecto (ZILBERMAN, 1990). Longe de afastar o leitor da realidade, o texto literário amplia o seu conhecimento de mundo, pois é "Através das obras literárias, tomamos contato com a vida, nas suas verdades eternas, comuns a todos os homens e lugares, porque são as verdades da mesma condição humana" (COUTINHO, 1978, p.27). Além disso a leitura literária permite a aproximação com a riqueza e a beleza da linguagem artística, possibilitando o prazer estético.

Ao fazer isso a escola se torna um ambiente privilegiado para a aquisição do conhecimento e, às vezes, apresenta-se como única opção de acesso à variedades textuais, seja por desconhecimento da multiplicidade de gêneros ou por impossibilidade financeira de aquisição de obras mais significativas.



Para que esse letramento aconteça, o professor de literatura, em EJA, deverá mostrar aos/as estudantes que os sentidos são construídos pelos leitores na interação com os textos (MARTINS, 2006).

No entanto, não podemos perder de vista que há no Brasil um déficit grande no campo da leitura. Silva (2002) argumenta que tal fato é decorrente, dentre outros fatores da,

Formação deficitária do professor; falta de recursos financeiros para aquisição de livros; falta de bibliotecas nas escolas ou de condições adequadas ao seu uso (acervo pobre, inexistência de bibliotecária, etc.); os meios de comunicação de massa que atraem pelos seus inúmeros recursos audiovisuais e não exigem uma educação formal para sua compreensão, pois estão a serviço da ideologia da classe dominante.

A educação de jovens e adultos foi vista no como uma modalidade de ensino que não requer, de seus professores uma formação continuada, exigindo que os/as mesmos/as tenham o mínimo de conhecimento para repassar para os/as alunos/as, com um campo eminentemente ligado à boa vontade. Na contemporaneidade continua arraigada a ideia de que qualquer pessoa que saiba ler e escrever pode ensinar jovens e adultos, com essa falsa premissa não se tem levado em conta a formação continuada dos/as professores/as da EJA para se desenvolver um ensino adequado aos sujeitos jovens e adultos.

Para que a EJA tenha significado é necessário que o educador tenha uma base de conhecimentos que servem para uma prática eficiente ao aluno nela matriculado tenha um processo de ensino e aprendizagem de forma qualificada e eficaz.

Desse modo, a Educação de Jovens e adultos, necessita de mais reconhecimentos para o seu público alvo. Sabe-se, que todo cidadão tem seus direitos e deveres na sociedade e, não é diferente com as pessoas que por estes motivos não conseguiram concluir o ensino fundamental ou não conseguiram se quer ser alfabetizado e não sabem nem ler nem escrever. Para tanto, espera-se mais empenhos das políticas públicas voltadas para a Educação de Jovens e Adultos, para que estes não se sintam excluídos de seus direitos.

Entretanto, a Educação de Jovens e Adultos se apresenta para a sociedade e para os jovens e adultos, como uma grande conquista e para os professores, instituições de ensino e sobre tudo, para os governantes como um grande desafio em fazer com que o ensino aconteça.

2. NARRATIVAS ENQUANTO METODOLOGIA DA PESQUISA



As narrativas enquanto método tem sido considerada uma prática pedagógica para aprendizagem de estudantes e professores, sendo desenvolvida em diferentes contextos e com diferentes objetivos (NÓVOA, 2014). Ao narrar, o sujeito que narra organiza as experiências em uma sequência de fatos que finda por constituir o todo, por meio da seleção de acontecimentos, ele interpreta o vivido, as experiências significativas que marcaram sua trajetória e compõem uma narrativa, considerando-os de acordo com sentidos que esses conhecimentos ou acontecimentos têm para si, para sua história (BOLOGNANI; NACARATO, 2015).

A autobiografia é a reconstrução, retrospectiva feita pelo autor acerca do percurso de sua própria história de vida (MASSINI, 2011). Assim, a autobiografia é um texto marcado por sua capacidade de fazer uma análise contextual do tempo a que se refere a partir de uma memória pessoal, aparentemente sem grande relevância.

As narrativas são moldadas pela memória autobiográfica constituindo-se em uma construção social (GOMES, 2013). A narrativa que um sujeito materializa está perpassada pelos contextos vivenciais de cada sujeito. Nesse sentido, salienta Gomes (2013), que a escola e a educação formal podem ser um diferencial no processo de formação dos jovens e adultos.

Ao narrar suas experiências de formação escolar e suas histórias de vida é oferecida a oportunidade de recriação dessas experiências e permitindo atribuir-lhes novos sentidos e significados às mesmas.

Dessa maneira entendemos que as narrativas autobiográficas dos estudantes jovens e adultos acerca dos processos de literatura e letramento se constitui em uma prática que favorece a ressignificação da relação com a escola, possibilitando ainda uma nova forma de ver o mundo.

Durante o período de observação buscamos conhecer as instalações da escola, a matriz curricular para o ensino de EJA, o Projeto Político Pedagógico – PPP, ao tempo em íamos nos aproximando das/os professores dessa modalidade, com especial atenção da professora de Língua Portuguesa e Literatura.

O segundo momento foi o de coleta das narrativas propriamente ditas. Anterior às gravações explicamos em cada sala a proposta do estudo deixando livre para aqueles/as que quisessem participar da pesquisa. As narrativas foram gravadas entre agosto e dezembro de 2017.

2.1 De onde falo: *Locus* das narrativas



As narrativas aqui analisadas tiveram como *locus* uma escola pública estadual localizada no Piemonte Norte do Itapicuru. A escola funciona nos turnos matutino, vespertino e noturno, com ensino médio regular e turmas na modalidade EJA. É pertinente ressaltar que são três turmas de EJA e as mesmas funcionam à noite.

2.2 Os narradores... as narradoras e suas subjetivações

Os/as estudantes matriculados/as na modalidade de ensino em Educação de Jovens e Adultos perfazem um total cinquenta e seis, sendo trinta e sete do tempo formativo seis – que corresponde ao primeiro e segundo ano do ensino médio, e dezenove do tempo formativo sete – correspondente ao terceiro ano do ensino médio. Contudo, para esse estudo optamos por apenas uma estudante do primeiro ano, um do segundo e dois do terceiro se habilitaram. Nesse estudo os/as mesmos/as serão identificados por suas profissões, ou profissões já exercidas, seguido do último sobrenome.

Pedreiro da Silva tem vinte e seis anos, é casado e tem dois filhos, estudante tempo formativo seis. Ao narrar sua história ele nos conta: *“Nasci na roça, só vim morar na cidade quando tava grande. Como dizem por aí sou filho de matuto [...] nem meu pai, nem minha mãe nunca ligou pra esse negócio de estudo, nem eu também, mas agora tô vendo que é importante”*. A entrevista deixou Pedreiro da Silva desconfortável num primeiro momento. Ele analisava cada palavra a ser dita. Chegou a repetir várias vezes: *“Se o que eu disser não ficar bom tu apaga”* ou ainda *“como é que se diz essa palavra?”* ao se referir a palavras de difícil pronúncia. Depois ele se acostumou e disse de forma descontraída: *“Gostei de ser importante, se quiser eu gravo mais vez”*.

Diarista dos Santos tem 22 anos, é mãe solteira, mora com os pais e mais três irmãos, estudante tempo formativo seis. Começou sua narrativa de forma emotiva nos contando:

Eu sempre quis ser alguém na vida. Pensava em estudar, crescer, fazer faculdade, mas filho de pobre sonha uma coisa e realiza outra. [...] comecei a trabalhar ainda adolescente para ajudar em casa [...] fiquei grávida e tive que abandonar os sonhos, mas o de estudar não!

A narrativa de Diarista dos Santos foi particularmente emotiva. Foi perceptível o quanto ela se culpava dos projetos não realizados e dos sonhos deixados para trás. Ao narrar sua história ela repetia: *“Mas eu não me esforcei diante das dificuldades”*. E ao mesmo tempo



tinha a capacidades de reflexão ao ressaltar: “*Mas tinha coisas que não dependiam só de mim*”.

Lavradora de Jesus tem 53 anos, viúva, mãe de cinco filhos, têm oito netos, pensionista, aluna do tempo formativo sete. Conta-nos que:

[...] quando eu era moça não podia estudar, pai dizia que mulher não precisava estudar, tinha que saber arrumar casa e cozinhar pra casar [...] casei, mas sempre carreguei isso dentro mim, de querer assinar meus documentos. Quando criei os filho tudo, o marido morreu, não tinha mais pai pra mandar em mim, fui na escola e me matriculei. Hoje sei ler a bíblia, sei escrever um recado e tirei os documento tudo de novo. [...]. Só por isso valeu o sacrifício de ser a mais velha da turma.

Lavradora de Jesus nos conta sua história com a sensação do dever cumprido. Não se cobrava tanto afirmando: “*Na idade que tô tudo é lucro*”. Porém sabe reconhecer as mudanças em sua vida após saber ler e escrever: “*Posso te dizer uma coisa: depois da leitura minha vida mudou muito e mudou pra melhor*”.

Agricultor dos Anjos tem 45 anos, é casado, pai de três filhos, estudante do tempo formativo sete. Contou-nos que quando era criança não deu muito importância para a educação:

Eu não ligava muito pra essas coisas de escola na época de estudar lá atrás [...] queria mesmo era trabalhar pra ganhar dinheiro. Meus pais até incentivava, dizendo que eu tinha que estudar pra ser gente, mas eu não dei ouvidos na idade certo, tive que aprender depois de velho. [...] mas o bom é que nunca é tarde pra ser gente.

A narrativa de Agricultor dos Anjos estava sempre vislumbrando o futuro, imbuída de um desejo de que sempre é tempo para se aprender sobre algo: “*Eu acho que a gente sempre pode aprender algo, mesmo tendo passado um pouco da idade, por isso voltei pra escola*”.

Podemos dizer que mesmo com vivências distintas, dada as experiências de cada um/a existem várias ponto de ligação nas narrativas dos nossos sujeitos, a saber: o desejo de sempre aprender algo novo e; a certeza de que sempre é tempo para se aprender.

3. NARRATIVAS LITERARIAS E LETRAMENTO NA EJA:

“Amo quando a professora traz uma poesia para a aula”
Diarista dos Santos



“A gente tem mais interesse quando tem texto diferente, tipo música, poesia, essas coisas que falam da nossa vida.”
Agricultor dos Anjos

As análises agora apresentadas foram suscitadas a partir da narrativas dos estudantes da EJA acerca dos recursos pedagógicos-metodológicos que contribuem para o processo de letramento, tendo por eixo central o componente curricular Língua Portuguesa e Literatura.

As epígrafes acima foram extraídas das narrativas coletadas durante nossa pesquisa, sinalizando a importância de diferentes gêneros literários enquanto instrumento pedagógico no processo de letramento. Sobre isso Agricultor dos Anjos argumenta que: *“Eu nunca tinha parado pra pensar sobre isso, mas agora que vocês tão perguntando é que eu tô refletindo que professora trás uma música pra sala a gente fica mais motivado”*.

Na mesma perspectiva Pedreiro da Silva falou: *“[...] quando a professora trás um texto pra gente estudar que fala da nossa vida a gente entende mais, fica mais fácil”*. Para Diarista dos Santos as aulas ficam mais participativas: *“Até a professora já percebeu que as aulas ficam mais participativas. Quer ver o povo se interessar: é só ela trazer uma música, um filme, eu poesia [...] essas coisas diferentes”*.

As narrativas sinalizam que longe de afastar o leitor da realidade, o texto literário amplia o seu conhecimento de mundo, a partir do contexto em que eles/as estão inseridos. Por meio das obras literárias, os estudantes da EJA se aproximam da vida, nas suas verdades, por meio de suas vivências, porque são as verdades da mesma condição humana (COUTINHO, 1978).

3.1 Letramento literário na escola: palavras que contam

Diante da importância da leitura enquanto processo de letramento, reforça-se a tarefa da escola de possibilitar o letramento literário, entendido como o estado ou condição de quem não apenas é capaz de ler textos literários, mas deles se apropria efetivamente por meio da experiência estética (SILVA e SILVEIRA, 2013).

Quando a professora começou a trazer poesias e música pra sala e essas coisa todas eu não gostava não, achava que ela não queria ensinar, que tava enrolando a gente [...], mas depois fui atendendo que é algo diferente pra gente aprender e agora eu gosto muito quando ela trás. A gente aprende diferente (LAVRADORA DE JESUS).

Na perspectiva da literatura e letramento Agricultor dos Anjos argumenta que:



Eu tenho aprendido muito com essa metodologia. Quando ela trás uma música de Luiz Gonzaga pra gente aprende a gente aprende mais fácil [...] aquela mesmo do alfabeto que ele canta ajudou muito [...]. E também a gente aprende a ver o mundo e as coisa com outros olhos, sabe como é? É como se agora a coisa fosse ficando mais claras e que antes tava escura. Depois dessas aula quando eu escuto uma música eu já fico pensando o que ela pode me ensinar.

Nesse sentido, para que o letramento se efetive é necessário que o/a professora/a mostre aos/às estudantes que os sentidos são construídos pelos leitores na interação com os textos (MARTINS, 2006).

A professora trabalha com vários tipo de texto, que falam praticamente da mesma coisa, só pra gente entender mesmo. [...] aí é como se a ficha fosse caindo e a gente vai entendendo tudo. Teve um texto sobre ditadura militar no Brasil que a turma não entendeu nada aí ela trouxe umas música e começou a contar essa história toda, foi massa (DIARISTA DOS SANTOS)

Eu agora já sei [...] como é que se diz? Eu não sei muito, mas já sei um pouco como fazer uma leitura da realidade, sabe como é? Esses textos que ela trás pras aulas ajudou muito a gente, a gente a turma todo. Tem dia que a gente vem pra cá desanimado, mas aí ela trás uma receita de alguma coisa e transforma em aula (PEDREIRO DA SILVA).

Entendemos dessa maneira que o letramento capacitará o leitor a realizar um trabalho ativo de construção de significados do texto, a partir do seu conhecimento linguístico, textual e cultural. Freire (1991) destaca que a compreensão do texto, por meio de uma leitura crítica, implica também a percepção das relações entre o texto e o contexto.

As Orientações Curriculares para o Ensino Médio (BRASIL, 2006) defendem um ensino de literatura que incentive o contato efetivo com o texto, pois só assim os alunos poderão experienciar a sensação de estranhamento peculiar ao texto literário. Ressalta o documento que

[...] a experiência com a literatura possibilita, pois, a ampliação de horizontes, o questionamento do já dado, o encontro da sensibilidade, a reflexão, [...]. O prazer estético é, então, compreendido aqui como conhecimento, participação, fruição” (BRASIL, 2006, p. 55).

Contudo, o que se tem percebido, no entanto, é que a escola trabalha a leitura literária desvinculada da realidade e das necessidades dos alunos. Na prática, privilegiam-se as abordagens teóricas sobre a literatura.



CONSIDERAÇÕES

Escrever sobre si, sobre situações vividas possibilita a recriação dessas experiências e permite a atribuição de sentidos às mesmas, contribuindo para a compreensão de quem somos e das aprendizagens que construímos ao longo da vida. Assim, consideramos que a escrita (auto)biográfica dos estudantes jovens e adultos acerca dos processos de literatura e letramento se constitui em uma prática que favorece a ressignificação da relação com a escola, o sentimento de pertencimento à comunidade escolar, a autoestima, e também a aprendizagem de outros saberes.

Conforme sinaliza Lavradora de Jesus: “*Todo dia eu aprendo coisas novas todos*”. Tal aprendizagem é reforçado por Diarista dos Santos: “*Contar a minha história me ajudou muito, eu aprendi com minha própria história*”. Na educação de jovens e adultos, é essencial considerar as experiências e os conhecimentos prévios dos alunos.

Também nesse contexto foi possível entender que a interação entre textos literários é importante, uma vez que pudemos evidenciar que estes podem ajudar os alunos a conhecer melhor a si e aos outros, a refletir sobre o mundo, a abandonar o estado de passividade diante da realidade, vivenciando a experiência estética, tão essencial ao ser humano.

Dessa forma entendemos que para além da leitura funcional, de uso cotidiano, a literatura perpassa uma dimensão humana necessária que se mantém afastada dos/as leitores/as alunos/as da EJA não apenas por questões econômicas, mas também sociais, culturais.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzalez. **Educação de jovens e adultos: um campo de direitos e de responsabilidade pública**. In: SOARES, Leôncio et. al Diálogos na educação de jovens e adultos. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. p. 39.

BOLOGNANI, M. S. F; NACARATO, A. M. **Las narrativas de vida como prácticas de (auto) formación de maestras que enseñan matemáticas**. Revista mexicana de investigación educativa, v. 20, n. 64, 2015, p. 171-193.

BRASIL. Ministério da Educação. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação/ Secretaria de Educação Básica, 2006.



BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa. Ensino Fundamental.** Brasília: MEC/SEB, 1997.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática.** São Paulo: Contexto, 2006.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: uma proposta para a sala de aula.** UNESP, Agosto-2011. Disponível em: Acesso em: 07/01/2018

COUTINHO, Afrânio. **Notas de teoria literária.** 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia.** 33ª ed. São Paulo: Paz e Terra S/A, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 41ª ed. São Paulo: Paz e Terra S/A, 1991.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler.** São Paulo: Cortez, 1998.

GOMES, C. **Construção social da memória autobiográfica e Histórias de Vida.** In: Lopes, A.; Hernández, F.; Sancho, J.M.; Rivas, J.I. (2013). **Histórias de Vida em Educação: a Construção do Conhecimento a partir de Histórias de Vida.** Barcelona: Universitat de Barcelona. Dipòsit Digital. Disponível em: <http://hdl.handle.net/2445/47252> . Acesso em 18 out. 2017

MARTINS, Ivanda. **A literatura no ensino médio: quais os desafios do professor?** In: BUNZEN, Clécio e MENDONÇA, Márcia (Orgs.). **Português no ensino médio e formação do professor.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MASSIMI, M. **A fonte autobiográfica como recurso para a apreensão do processo de elaboração da experiência na história dos saberes psicológicos.** 2011. Disponível em <http://www.fafich.ufmg.br/memorandum/a20/massimi05> . Acesso em 16 jan. 2018.

NÓVOA, António. **A formação tem que passar por aqui: as histórias de vida no Projeto Prosalus.** In: **O método (auto)biográfico e a formação:** NÓVOA, António; FINGER, Mathias (orgs). Tradução Maria Nóvoa. 2ª ed. Natal, UDUFRN, 2014.

PAIVA, Jane. **Literatura e neoleitores jovens e adultos – encontro possíveis no currículo?** In: ___ et al. (Orgs.). **Literatura e letramento: espaços, suportes e interfaces. O jogo do livro.** 1 ed., 2 reimp. Belo Horizonte: Autêntica/CEALE/FaE/UFMG, 2003. p.111-126.

SILVA, Antonieta Mírian de Oliveira Carneiro; SILVEIRA, Maria Inez Matoso. **Letramento literário: desafios e possibilidades na formação de leitores.** Revista Eletrônica de Educação de Alagoas, v. 01, n. 01, p 92-101, 2013. Disponível em: http://www.educacao.al.gov.br/reduc/edicoes/1a-edicao/artigos/reduc-1adicao/LETRAMENTO%20LITERARIO%20NA%20ESCOLA_Anonieta%20Silva_Maria%20Silveira.pdf . Acesso em: 04 mar. 2018.

SILVA, Ezequiel Teodoro da. **O Ato de Ler: Fundamentos Psicológicos para uma Nova Pedagogia da Leitura.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2022.



SMOLKA, B. Luíza Ana. **Leitura e desenvolvimento da linguagem**. Porto Alegre – RS: Mercado Aberto, 1989.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SOARES, Magda. *Currículo e democracia*. In: COLÓQUIO LUSO- BRASILEIRO DE CURRÍCULO, 2. 2004, Rio de Janeiro. Anais. Rio de Janeiro: UERJ, 2004.

STREET, Brian. **Perspectivas interculturais sobre o letramento**. Revista Filologia e Linguística Portuguesa. São Paulo, v. 8, 2003.

ZILBERMAN, Regina. **Sim, a literatura educa**. In:___; SILVA, Ezequiel Theodoro da. *Literatura e pedagogia: ponto e contraponto*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.